

# À BELA MORTE

Roberto Corrêa dos Santos

UFRJ/PUC

Que fiz para merecer flores  
a esta hora perigosa da tarde  
em que os fantasmas  
já ameaçam a rondar bobamente  
A solidão de um homem completamente só  
numa tarde  
numa casa  
de quando e de onde  
se quisesse.  
poderia descer e ter o horizonte  
em frente e largo como para nunca mais?

Pois foi assim perguntando  
e já como que decidindo um rumo  
face às silvestres flores empacotadas  
e ao enigmático gesto de amor  
impresso na caligrafia de um cartão  
que sem nome o apunhalava

Pois foi assim,  
com a seriedade que um homem  
sabendo da morte  
devesse ter,  
que ele atravessou o Aterro  
em direção ao mar

Pois foi assim,  
atravessando o forte sol

que o cegava um pouco para o que queria  
e lhe atrapalhava o rumo  
já quase desordenado  
pelas manchas tortas do chão  
que as árvores teimam em projetar  
para iludir-nos  
para falsear-nos  
que toda escolha é ficção

Pois foi assim,  
que o homem  
ante o mar  
estancou  
e se disse  
já quase de todo enrijecido:

sou um monumento.  
E ali ficou.

Quando o encontraram,  
depois de tantas buscas,  
trouxeram-no  
como quem traz uma estátua,  
como quem deita uma estátua  
deitavam-no,  
como se toca uma estátua  
tocaram-no

E ela que se piedade lhe enviara flores  
em vingança por não ter sido vista  
pôde enfim  
ficar todo tempo  
frente àquele homem  
moldado por um golpe de afeto súbito  
em todo seu esplendor  
de coisa amada

— eu te enlacei, disse  
vou quando quiser, urrou baixo  
como fera  
que arme o bote

e permaneceu sentada  
sorrindo  
face a sua criatura.